

LUGAR

Werther Holzer

Universidade Federal Fluminense

A palavra lugar tem origem no latim locus que designa "lugar", "local" ou "posição". Até o século XX seu sentido foi muito mais nocional do que conceitual, ou seja, era utilizada no senso comum de demarcação de uma condição, posição ou situação espacial ou social. No século XX foi adotada por diversas ciências com o sentido de posição ou coordenada no espaço geométrico. Neste contexto, dentre as ciências que adotaram a palavra lugar para nomear uma posição determinada no espaço, estava a Geografia.

As origens e acepções do conceito de lugar na Geografia Humanista já foram discutidas em outros artigos de minha autoria. O que faço aqui é ampliar o campo de abordagem e atualizá-lo, oferecendo novas perspectivas de análise. Destes artigos o primeiro (HOLZER, 1999) é uma resenha sobre o "lugar" a partir da Geografia Humanista e da Geografia do Espaço Vivido em diálogo com a fenomenologia heideggeriana; o segundo (HOLZER, 2003), volta-se mais especificamente para a contribuição de Yi-Fu Tuan.

O "lugar" está na base das pesquisas da Geografia Cultural norte-americana desde a sua formulação. Sauer (1998[1925]) considerava que os fatos do lugar geravam as paisagens, estes fatos do lugar seriam a conjunção do sítio com a cultura formatando a paisagem como habitat. Não se pode ignorar que também estava presente na Geografia Regional como proposta por Vidal de la Blache, quando definiu a Geografia como a ciência dos lugares, diferenciando o seu papel da História, cabendo à Geografia compreender as correlações dos fatos nos meios regionais em que se localizam.

A década de 1950 marca a transição do paradigma geográfico regional, seja a partir da Corologia (Hettner) ou da diferenciação de áreas (Hartshorne), para as Geografias Teórica e Crítica, ambas se identificando como Ciência do Espaço, a primeira voltada para o

espaço geométrico como o objeto central, a segunda redefinindo o espaço como instância social. Para a primeira o lugar tinha o sentido de denominar uma localização específica, ou seja, um ponto do espaço; para a segunda podendo ser determinado, por exemplo, não por sua materialidade, mas como o local onde ocorre a ação da sociedade (Giddens, 2003).

A ideia de lugar como um conceito geográfico que transcende a simples localização surge no contexto de um movimento de renovação da Geografia Cultural norte-americana, voltada para os mundos que estão em nossas cabeças (Wright, 2014 [1947]; Lowenthal, 1985 [1961]), repensando ou introduzindo alguns dos principais conceitos espaciais adotados pelos geógrafos, dentre eles o de lugar.

No entanto, para a maioria dos geógrafos desse período, e para muitos deles até os dias de hoje, o conceito se limita à situação imediata do sujeito ou da coisa, ou seja, a um ponto determinado por coordenadas geográficas. Luckermann (1964) definia a Geografia como a ciência dos lugares, a partir da relação da localização, com o sítio e o entorno, no entanto não tratava mais dos aspectos objetivos ou materiais, observáveis, desse local, mas do lugar como apreendido pelas experiências das pessoas.

Em confluência com a Geografia Cultural saueriana desponta, como epistemologia alternativa, a Geografia do Conhecimento, como proposta por Wright que, para além das Ciências Naturais e dos Estudos Sociais, envolve também as Humanidades na investigação sobre o mundo da experiência e da expressão imaginativa (2014 [1947]). Esta nova alternativa epistemológica foi colocada em perspectiva por Lowenthal (1985 [1961]) que, explicitamente, se propôs a discutir a Geografia do Conhecimento. Ele se voltou para outra concepção da espacialidade humana e, conseqüentemente, geográfica,

em que a imagem e ideia de mundo é construída a partir da experiência, do aprendizado, da imaginação e da memória (LOWENTHAL, 1985 [1961]). Em outro texto, publicado no mesmo ano, o autor afirma: “*O homem e a terra*, em qualquer local, estão inter-relacionados de inúmeras maneiras: todos os aspectos da vida humana estão intimamente ligados ao lugar” (LOWENTHAL, 1961:1, grifos do autor).

Neste mesmo ano de 1961, trilhando caminhos diversos, Tuan se deparou com o conceito de topofilia, a partir de obras de Bachelard. Ao falar da importância do acúmulo de experiências para a Geografia, o autor ressalta que “para além da rede das relações puramente humanas, o lar é, talvez, a nossa primeira e mais forte ligação. Bachelard tem muito a dizer sobre isso. No lar as lembranças e o tempo são transformadas em coisas concretas.” (TUAN, 1961:31).

No livro “*Poética do Espaço*” Bachelard fala em “topofilia”, ainda que apenas em duas ocasiões. Destaco a primeira citação quando o autor se propõe a fazer uma “topoanálise”, definindo-a como “o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima.” (1978:202). A topoanálise não deve ser exteriorista, mas dedicar-se “[...] ao poder de atração de todas as regiões de intimidade [...] Nessas condições, a topoanálise tem a marca de uma topofilia. É no sentido dessa valorização que devemos estudar os abrigos e os aposentos.” (1978:205)

Em 1974, Tuan (1980[1974]) definiria topofilia como o elo afetivo que une as pessoas aos lugares. Mais tarde, já em um contexto de construção da Geografia Humanista, no livro “*Espaço e Lugar*”, o autor proporia uma nova forma de se abordar o conceito de lugar na Geografia: como lugar simbólico, conjunto complexo e único, enraizado no passado e apontando para o futuro (TUAN, 1983[1977]:389). A partir da filosofia bachelardiana e da psicologia construtivista de Piaget, Tuan ofereceu à Geografia uma nova aproximação ontológica e epistemológica com o “lugar”, associando-o à experiência íntima do lar, independentemente da escala espacial em que ocorra: na casa, na vizinhança, na cidade, na região e até no Estado nação (Tuan, 1975).

Em 1970, na pesquisa de aportes para a elaboração de sua tese “*The Phenomenon of Place*”, Edward Relph se deparou com o referencial fenomenológico como método rigoroso de investigação dos mundos vividos da experiência humana. O mundo tendo como referência o homem, a partir de suas intenções e atitudes (1970:195). Há uma relação fundamental entre mundo e lugar a ser

explorada a partir desse referencial geográfico e Relph seria o primeiro a enveredar por esse caminho: o de uma visão holística da relação do homem com a natureza, a partir da intencionalidade e da crítica fenomenológica ao afastamento entre a ciência e o mundo da vida.

A base para essa discussão o autor encontrou no livro “*O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*”, de Eric Dardel (2011[1952]), pioneiro na introdução do aporte fenomenológico na Geografia, que inicia seu texto distinguindo o espaço geométrico do espaço geográfico. A natureza da Geografia estaria na investigação da relação Homem/Terra a partir da experiência cotidiana que temos do espaço geográfico, definido como aquele que resiste e limita as nossas ações, ou seja, constrange a natural mobilidade humana, obrigando a voltarmos intencionalmente para as distâncias e direções a serem vencidas. O ponto a partir do qual planejamos nossas ações para conviver no espaço geográfico pode ser definido como o lugar. Essa definição dardeliana está fundamentada tanto em Merleau-Ponty, na “*Fenomenologia da Percepção*” (1999[1945]), centrada no Ser-no-Mundo, quanto em Heidegger que valoriza o Ser-aí, ou seja, um ser situado existencialmente no espaço e no tempo (2012).

Relph, em sua tese publicada em 1976, iniciaria distinguindo o lugar do espaço, assim como Tuan no mesmo contexto (TUAN, 1983[1977]). No entanto a via proposta foi outra, indo dos espaços mais objetivos – partindo do cognitivo, onde ocorrem as operações lógicas, aos mais subjetivos, o espaço existencial ou espaço vivido, definido como “[...] a estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural, [...]” (RELPH, 1976:12). Para o autor o que distingue o lugar de outros conceitos espaciais é a sua capacidade de atrair e concentrar nossas intenções, gerando os espaços existenciais e os espaços vividos. Por este motivo ele não pode ser descrito em termos de aparência ou de localização.

Importante abrir um parêntese para a preocupação que na época orientava a tese de Relph, qual seja, a perda da autenticidade dos lugares gerando os “*placelessness*”, que em português foi traduzido como não-lugar, lugar desprovido de significado, ou deslugar. Este último termo é o mais adequado ao indicar que essa situação é circunstancial e transitória, como o próprio autor explicita numa revisão recente do conceito (RELPH, 2014).

Augé também define o lugar como identitário,

relacional e histórico e o opõe ao espaço, que atualmente carece desses atributos (AUGÉ, 1994[1992], 73). Para esse autor a vida cotidiana na supermodernidade se passa nestes espaços que ele denomina de não-lugares mas, também aqui, essa condição é vista como transitória, e os lugares se recompõem nos não-lugares, quando neles se reconstituem as relações (AUGÉ, 1994[1992]:74).

Mesmo Milton Santos, para quem o que se deve pesquisar na Geografia é o seu objeto, que é o espaço, "definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações" (2006:12), e que subordina todos os conceitos a serem estudados a este objeto, ressalta a importância do lugar e do cotidiano neste momento em que a antiga relação local-local foi substituída pela relação local-global, onde cada lugar é um mundo, o que o torna exponencialmente diferente dos demais (SANTOS, 2006:213). O autor observa que na contemporaneidade o lugar assume uma posição central, oferecendo, a partir da consideração do cotidiano, o tratamento geográfico do mundo vivido a partir dos objetos, das ações, da técnica e do tempo (SANTOS, 2006:213).

De princípio correlato partem as pesquisas de Massey e de Cresswell, quando propõem o espaço como condição e resultante de processos sociais. Nesse sentido Massey se contrapõe ao sentido do "lugar" habitado por comunidades coerentes e homogêneas, procurando um novo sentido que se adequa à era da "compressão espaço-tempo". Segundo essa interpretação a sua especificidade não está numa história longa e internalizada, mas na rede de relações sociais que se encontram e se entrelaçam num local específico. O lugar é definido como um espaço de encontro de distintas trajetórias e sua especificidade, sob a globalização, se dá mais pelas distintas formas de imbricação dessas redes, do que pela singularidade dos fenômenos em si mesmos (Massey, 2000:184). Cresswell se aprofundou na conceituação do lugar a partir de diferentes vertentes, para concluir que "lugares são produzidos pelas pessoas que constituem a 'sociedade', mas, ao mesmo tempo, eles são a chave para a produção das relações entre as pessoas. Lugar, em outras palavras, está bem no centro da humanidade"(2013 [2004]:124).

No entanto há autores, como Certeau, que mantêm o lugar no seu sentido estritamente locacional, ao afirmarem que ele é uma configuração instantânea de posições. Apesar disso, Certeau comunga com a ideia de que o "espaço é um lugar praticado", produzido

pelas operações que o orientam, o circunstanciam e o temporalizam (1998[1990]:202).

Outra aproximação entre fenomenologia e lugar na Geografia se deu a partir do conceito de "habitar", onde o mundo vivido cotidiano, a partir do lugar, seria constituído a partir da dualidade entre as forças estabilizadoras e as inovadoras (BUTTIMER, 1982[1976]). Aqui, a contribuição dos arquitetos, em especial Norberg-Schulz (1980), não pode ser negligenciada pelos geógrafos. Esse autor, como Buttimer, dialoga com Heidegger, trazendo os fundamentos do texto "Construir, Habitar, Pensar" (HEIDEGGER, 2012), onde é proposto que o lugar antecede e outorga o espaço geométrico, uma vez que habitamos a partir de nossa convivência cotidiana com a terra. Nesse caso, diversamente de outras correntes de pensamento da Geografia, a base de toda a reflexão desta ciência estaria primeiramente no estudo do lugar e não do espaço, que lhe é derivado.

Nessa mesma linha de pensamento, a partir da obra de Buttimer, Relph e Tuan, David Seamon observa que as pessoas não estão separadas de seus mundos e que o conceito de lugar pode esclarecer-nos a respeito da rede invisível corporal, emocional e ambiental na qual estamos imersos (1984:134). Norberg-Schulz (1980), por outro lado, defende um urbanismo voltado para o lugar, enquanto fenômeno em sua concretude, e coloca como função da Arquitetura a de impor limites ao espaço, ou seja, tornar o espaço geográfico habitável a partir da constituição do lugar. Essa aproximação é muito semelhante àquela proposta por Dardel (2011[1952]).

No Brasil a perspectiva humanista e fenomenológica dos estudos do lugar na Geografia vem sendo abordada desde o final dos anos 1980 e ganha cada vez maior número de pesquisadores. Uma coletânea retrata o estado da arte destas pesquisas (Marandola Jr., Holzer, Oliveira, 2014). Pode-se concluir que na Geografia o conceito de lugar hoje ainda pode ter o sentido estrito de localização, mas que, desde a década de 1960, a partir de um aporte fenomenológico e da aproximação entre a ciência e o mundo da vida, o lugar pode ser definido como um fenômeno complexo, transescalar, encarnado em nossa corporeidade e em nossas experiências cotidianas na Terra, no espaço geográfico, que nos sustenta. A partir dessa concepção todos os conceitos ditos geográficos ou espaciais dele seriam derivados.

Referências

- AUGÉ, Marc. 1994 (1992). *Não-lugares: introdução à uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus.
- BACHELARD, Gaston. 1978. A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço. *Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha*; traduções de Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores).
- BUTTNER, Anne. 1982 (1976). Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOLETTI, Antônio (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, p. 165 – 193.
- CERTEAU, Michel de. 1998 (1990). *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes (3ª ed.).
- CRESSWELL, Tim. 2013 (2004). *Place: a short introduction*. Hoboken, Nova Jersey: John Wiley & Sons.
- DARDEL, Éric. 2011 (1952). *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva.
- GIDDENS, Anthony. 2003. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- HEIDEGGER, Martin. 2012. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. (8ª ed.).
- HOLZER, Werther. 1999. O Lugar na Geografia Humanista. *Território (UFRJ)*, v.4, n.7, p. 67-78.
- _____. 2003. O Conceito de Lugar na Geografia Cultural Humanista. *GEOgraphia (UFF)*, v.5, n.10, p. 113-123.
- LOWENTHAL, David. 1961. Caribbean views of caribbean land. *Canadian Geographer*, v. 5, n. 2, p. 1-9.
- LOWENTHAL, David. 1982 (1961). Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: Christofolletti, Antonio (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL.
- LUCKERMANN, F. 1964. Geography as a formal intellectual discipline and the way in which it contributes to human knowledge. *Canadian Geographer*, v. 8, n. 4, p. 167-172.
- MARANDOLA Jr., E.; HOLZER, W.; Oliveira, L. de (orgs.). 2014. *Qual o Espaço do Lugar?* São Paulo: Perspectiva.
- MASSEY, Doreen. 2000. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio A. (org.). *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papyrus.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. 1999 (1945). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes (2ª ed.).
- NORBERG-SCHULZ, Christian. 1980. *Genius Loci: towards a phenomenology*. Nova York: Rizzoli.
- RELPH, Edward. 1970. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. *Canadian Geographer*, v.14, n.3, p.193-201.
- _____. 1976. *Place and placelessness*. London: Pion.
- _____. 2014. Reflexões sobre emergência, aspectos e essência de lugar. In: Marandola Jr., E; Holzer, W.; Oliveira, L. (orgs.). *Qual o Espaço do Lugar?* São Paulo: Perspectiva, p. 17-32.
- SANTOS, Milton. 2006. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EdUSP (4ª ed.).
- SAUER, Carl O. 1998 (1925) A Morfologia da Paisagem. In: Correa, R. L.; Rosendahl, Z. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- SEAMON, David. Phenomenologies of environment and place. *Phenomenology + Pedagogy*, v. 2, n. 2, p. 130-135.
- TUAN, Yi-Fu. 1961. Topophilia or, sudden encounter with landscape. *Landscape*, v.11, n. 1, p. 29-32.
- _____. (1975a). Place: an experiential perspective. *Geographical Review*, v. 65, n. 2, p 151-165.
- _____. 1980 (1974). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL.
- _____. 1983 (1977). *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL.
- WRIGHT, John K. 2014 (1947). Terrae Incognitae: o lugar da imaginação na geografia. *Geograficidade (UFF)*, v. 4, n. 2, p. 4-18.